

ritual que ha forjado para su patria, y todos nos sentimos orgullosos de haber asistido a tan noble empresa.

José Luis MARTÍNEZ

México.

1951—1955

APENDICES

- I—Un *encomio anónimo*, por Ricardo Arenales
- II—*Chronica literaria*, por Prudente Moraes Neto
- III—*Algunos datos biográficos de Alfonso Reyes*
- IV—*Datos bibliográficos*
- V—*Contribución a la bibliografía sobre Alfonso Reyes.*

UN ENCOMIO ANÓNIMO

Alfonso Reyes puede considerarse hoy en día, entre la familia intelectual mexicana, como el talento más poderoso y el espíritu más culto y de mayor riqueza dinámica. No es propiamente un precoz, de lo cual debe sentirse muy satisfecho; pero el saber que ha atesorado a sus veintitrés años corresponde al que atesoran por lo general los hombres de letras de nuestras Américas al llegar a la mitad de la vida. En las asambleas de la juventud literaria, Alfonso Reyes se distingue por la agilidad de su palabra, por el entusiasmo juvenil sabiamente atemperado, por su afición a las bellas paradojas de sentido un poco extravagante y un poco cruel; y en una asamblea de sabios proyectos se distinguiría por la madurez de sus juicios, por la profundidad de sus adquisiciones mentales, por su amistoso y fecundo trato con los filósofos. Con lo cual queremos decir que, sin haber perdido las prerrogativas de la alegre mocedad, tiene aquella envidiable certeza que antaño se creía exclusiva de la senectud.

Aunque es un trabajador infatigable, Alfonso Reyes no ha publicado hasta ahora sino un libro, *Cuestiones estéticas*. Por la riqueza y originalidad de los asuntos, por el noble atrevimiento de sus observaciones críticas y por la ilimitada amplitud de las visiones mentales que acusa, este libro revela y sintetiza las varias capacidades de Alfonso, sus preferencias literarias y los caminos por donde ha de emprender animoso el viaje hacia la cumbre de la celebridad.

Su prosa tiene un intenso sabor clásico, en el más noble sentido de esta palabra. Clásico y castizo. En sus períodos hay la amplitud y la sonoridad del viejo período castellano de los maestros del siglo de oro. A veces, están matizados de arcaísmos de buena ley. Pero conservan dentro de la severísima arquitectura que les es propia, el ímpetu del vuelo de los más nobles maestros del arte contemporáneo, que está hablando de la renovación de nuestro siglo y que reclama para sí toda la anchura de los horizontes. Es, finalmente, una prosa rica de matices, abundante en recursos de elocuencia,

preñada de sugerencias, y en la cual se percibe una secreta armonía ideal que constituye su mayor encanto.

Se ha creído generalmente que Alfonso tiene limitadas aptitudes para expresar sus emociones en forma poética; es decir, vaciándolas en los moldes del verso. Error lamentable. Hay en su espíritu vislumbres ideales, vagas melancolías, optimismos risueños, que reclaman severas y armoniosas cláusulas, ajustadas a números precisos. Por otra parte, nadie conoce mejor que él la técnica sutil, intransigente y heroica de la poesía. Y como la forma expresiva de las emociones no es arbitraria y ocasional, sino que está regida por una fatalidad ineludible, Alfonso hace versos en sus días de serena y recóndita inspiración. Versos en donde las palabras están dispuestas con arreglo a una suprema arquitectura; donde nada sobra y nada falta; donde el ritmo exterior es trasunto de las íntimas consonancias vitales, y por donde se escapa el rumor de las suaves tormentas que se renuevan "más allá del ritmo de los pensamientos".

La vida íntima de Alfonso Reyes podría presentarse como un modelo de la voluntad en lucha con las cosas contingentes, que se erige bravía sobre los obstáculos y que todos los encadena y somete a la soberanía de su imperio.

Ha edificado su casa y ha levantado su familia; busca en los afectos recatados el estímulo de cada momento, y sabe encontrar en las sencillas cosas la virtud inmanente y tranquila que es la más alta revelación del influjo divino. Por ello se ha dicho que el espíritu de Alfonso Reyes evoca la noble serenidad del espíritu de Goethe. Porque, a la manera de Goethe, Alfonso ha erigido la pirámide de su propia existencia.

Ricardo ARENALES.

El Independiente,

México, 21 de julio de 1913.

CHRONICA LITERARIA

PEDRO DANTAS

Alfonso Reyes — El testimonio de Juan Peña — Río, 1930.

O sr. Alfonso Reyes é mais um dos grandes espíritos que os azares da carreira diplomática ou outras circunstâncias fortuitas, nos trouxeram, como a calma à frota portuguesa. Ao contrário, porém, de Gobineau, de Claudel e da maioria de seus demais antecessores, o autor da "Visión de Anáhuac" parece admiravelmente indicado para nos "descobrir" e a nosso respeito prestar um depoimento do maior interesse para nós mesmos que andamos nos procurando com tão desorientada insistência.

O absoluto desprezo que o conde de Gobineau nunca deixou de nos dedicar, estava evidentemente implícito nas suas idéas sobre as raças humanas. Não é impossível que a bofetada (ou ponta-pé, não se sabe ao certo) do teatro Lírico tenha concorrido, de algum modo para criar ou consolidar no seu espírito um complexo anti-brasileiro inconciente. Mas de qualquer fôrma Gobineau e o Brasil apresentavam todos os requisitos necessários a um perfeito desentendimento. Claudel, que aqui passou quasi tão despercebido quanto do último "Annuaire des Lettres", não parece ter levado do Brasil sinão a lembrança de algumas paisagens (a rua Paisandu' e a praia do Flamengo dos seus passeios diários, o cimo do Corcovado, espressamente mencionado num dos primeiros versos de "La messe là-bas", poema a que a nossa presença imanente dá um ar de esotismo que para nós é de familiaridade) e alguns proverbios e espressões populares que aparecem, com uma ou outra observação de costumes, e algumas impressões visuais, de longe em longe, nos seus ensaios. Darius Milhaud, que achou ridícula a baía de Guanabara, enriqueceu de ritmos e temas nossos a sua obra (Le boeuf sur le toit e Saudades do Brasil) como quem lança mão de

alguma "res nullius". Um viajante mais antigo, Manet, que aqui descobriu a luz que para sempre iluminaria os seus quadros, levou do Rio uma molestia de que não conseguiu curar-se e a recordação de uma terra pitoresca riquíssima em colorido e de um povo hospitaleiro e sem gosto. Cendrars, em suas sucessivas viagens, colheu algumas notações líricas, que apenas começou a publicar. E Paul Morand, a quem fornecermos de certo copioso material para mais uma curiosíssima reportagem, lamenta ainda não ter podido conhecer a Baía "cette Rome noire".

O que desejo acentuar, citando tantos nomes, é que todos esses espíritos que nos procuraram ou que o acaso nos trouxe, não fizeram mais do que prosseguir entre nós nas suas preocupações anteriores e, retribuindo a nossa tradicional indiferença, não nos concederam sinão o interesse e a atenção superficial que as circunstâncias impunham. Estiveram no Brasil procurando compreender antes a si próprios do que a nós outros. Aqui se submeteram a uma prova brasileira: um argumento, uma experiência a mais para suas idéas ou seus hábitos. E com tudo isso a alma brasileira continúa ignorada e a nossa inteligência segregada do mundo.

Devemos, pois, receber não só como uma especial homenagem, mas como uma fortuna o ato pelo qual o governo mexicano nos proporcionou o convívio com um homem como o sr. Alfonso Reyes, que é um dos grandes valores espirituais deste continente e deste tempo. Ele será, tudo o indica, o introdutor do pensamento brasileiro no comércio internacional e por certo nos ajudará na revelação do nosso próprio retrato. Reúne, para isso, todas as qualidades, pois, por um lado, através do seu lúcido espírito crítico, as diversas manifestações ponderáveis do nosso pensamento e da nossa sensibilidade, alcançarão as de todos os grandes centros universais de cultura; e por outro, ainda que, fiel à regra que anunciei acima, êle venha prosseguir entre nós o esame dos problemas que julga importantes e a que se dedica, pela mais feliz das coincidências, acontece que esses problemas são tambe os nossos. Acrece

que, tratando-se de um poeta, e dos mais consideráveis da sua lingua, ha razão para pôr em dúvida que êle saberá completar pelo dom divinatório que é, em suma, a essência da poesia, a parte do conhecimento que acaso resista à penetração intelectual.

* * *

Na obra do sr. Alfonso Reyes resaltan os dois termos da equação em que tende a se resolver o problema americano. Não é necessario acentuar que essa equação, longe de ser um ponto de partida, presuppõe, ao contrario, um vasto e paciente trabalho de selecção de dados, de redução de factores, de "mise-au-point", da questão. Tratava-se, a principio, de desprender do tumulto os dados simples, quero dizer irreductíveis, para só então poder-se colocar devidamente o problema. E isso é que, antes e melhor do que ninguem, o sr. Alfonso Reyes conseguiu. Mais ainda: tal foi a clareza com que soube formular a pergunta, que só por isso já limitou e facilitou o caminho para a solução, concorrendo poderosamente para orientar as pesquisas. E acompanha-as de perto, em todos os sectores onde ella se vai processando, intervindo frequentemente para corrigir certos resultados parciais, conferindo-os, comparando-os, assegurando, em suma, a unidade de vistas indispensável para que não se percam as atividades isoladas.

Essa, a sua attitude e a sua contribuição conciente e voluntária, que a sua intelligência — e que eceptional intelligência é a sua! — organizou e dirige. Inconcientemente, naquilo que não depende da sua vontade, na parte propriamente criadora da sua obra, no que nessa obra existe de necessário e fatal, por traduzir as exigências intimas de um certo modo de ser, ainda aí se afirma vigorosamente o mesmo problema, colocado com a mesma precisão e nos mesmos termos, apenas, desta vez, intuitivamente. De sorte que o entendimento confirmou e corroborou o que era espontâneo e intuitivo. E o criador e o critico podem assim oferecer o mesmo grande e proveitoso ensinamento à nossa meditação.

Explicando o motivo (aliás inconsistente) que o levara a escluir o México do seu "Panorama des littératures hispanoamericaines", em algumas breves palavras que dedicou àquêl pais, o sr. Max Daireaux opunha o aztequismo de José Vasconcelos ao castelhanismo puro de Alfonso Reyes, dizendo-os, entretanto, ambos "impenetravelmente mexicanos". Ora, nesse antitetismo parecem-me implícitos vários equívocos, que não posso discutir aqui, mas um dos quais me ajudará a fixar melhor, nestas notas apressadas e muito incompletas, o que se me afigura essencial no editor e redator dessa gazeta curiosíssima e única no seu gênero que é "Monterrey". Em primeiro lugar vejo em ambas aquélas afirmações (o aztequismo de Vasconcelos e o castelhanismo de Alfonso Reyes) o fruto de generalizações muito mais cômodas do que justas. Não acredito no aztequismo de Vasconcelos, ou melhor, não acredito que se trate de um verdadeiro aztequismo. Entretanto devo acrescentar que nem conheço bastante a obra de Vasconcelos, nem poderia explicar-me, a respeito, como seria necessário, mais longamente. Direi apenas que, tanto quanto posso julgar, esse aztequismo me parece tão pouco azteca, tão exterior e aparente (como aztequismo, o que não quer dizer que não seja importante por outros motivos e examinado de outros pontos de vista) quanto o néo-indianismo que se pregou no Brasil com o nome de "movimento da anta", chefiado pelos escritores do grupo verde-amarélo, que, com uma ideologia bastante apossimada da que figura no recente manifesto da Legião Paulista, pretendiam resolver o problema brasileiro e dizer ao mundo "uma palavra nova" pela "doutrina antal" e a "sistematização tapir".

No que diz respeito ao sr. Alfonso Reyes, a citada opinião de Daireaux é ainda menos satisfatória e contem ou um contrasenso ou um êrro. O "Castelhanismo impenetravelmente mexicano" a que se refere, tem, a meus olhos, toda a aparência de um enigma insolúvel. Castelhanismo? Sim, por oposição ao aztequismo, si admitíssemos que o castelhano e o azteca fossem incomunicantes, pertencentes a dois sistemas, o europeu e o americano, entre os quais não se pudesse estabelecer contacto e relação de especie alguma. Ora,

precisamente essa relação, esse ponto de encontro existem e são nada mais nada menos que o México, o proprio México tal como é hoje, que não é o mesmo México de antes da conquista e nem por isso passou a sêr pura e simplesmente Espanha. E' justamente nesse encontro, nessa fecundação do território ignorado da América pelo espirito e pela civilização da Europa, que está origem do problema que apenas começamos a resolver, pois por outro lado, é fóra de dúvida que nenhum problema haveria si não se tivesse dado essa fecundação. Considerar aquêles dois elementos como não susceptíveis de se combinarem para formar um terceiro, diferente de ambos, é errar grosseiramente, é deixar mais uma vez que a arvore nos impeça de vêr a floresta. Mas si não é isso que se quís dizer, a que vem alí a palavra castelhanismo?

Sobre esses assuntos, porem, já o disse uma vez, ninguem escreve melhor e com mais autoridade que o proprio sr. Alfonso Reyes. Ainda ha pouco tempo êle teve ocasião de definir magistralmente os nossos compromissos com o mundo latino e o verdadeiro conceito do autóctone americano, em um notabilissimo ensaio a que intitulou "Discurso por Virgilio". Comentando o ato oficial que mandou celebrar no México o segundo milenario do poeta, diz êle: "No quede, pues, lugar a duda. Se trata de un acto de latinidad. Se trata de una afirmación consciente, precisa y autorizada sobre el sentido que debe regir nuestra alta política, y sobre nuestra adhesión decisiva a determinadas formas de civilización, a determinada jerarquía de los valores morales, a determinada manera de interpretar la vida y la muerte." ("Discurso por Virgilio" in "Contemporaneos", fevereiro de 1931, México) E adiante: "Quiero las Humanidades como el vehículo natural para todo lo autóctono". "Lo autóctono... es en nuestra América, un enorme yacimiento de materia prima, de objetos, formas, colores, sonidos, que necesitan ser incorporados y disueltos en el fluido de una cultura, a la que comuniquen su condimento de abigarrada y gustosa especiería. Y hasta hoy las únicas aguas que nos han bañado son derivadas y matizadas de español hasta donde quiera la historia — las aguas latinas. No tenemos

una representación moral del mundo pre-cortesiano, sino sólo una visión fragmentaria, sin más valor que el que inspiran la curiosidad, la arqueología: un pasado absoluto. Nadie se encuentra ya dispuesto a sacrificar corazones humeantes en el ara de divinidades feroces, untándose los cabellos de sangre y danzando al son de leños huecos. Y mientras estas practicas no nos sean aceptas — ni la interpretación de la vida que ellas presuponen — no debemos engañarnos más ni perturbar a la gente con charlatanerías perniciosas: el espíritu mexicano está en el calor que el agua latina, tal como ella llegó ya hasta nosotros, adquirió aquí, en nuestra casa, al correr durante tres siglos lamiendo las arcillas rojas de nuestro suelo.” (ib.)

Certamente o sr. Alfonso Reyes é um humanista e um clássico. Neste mesmo “Discurso” encontro, mais de uma vez, trechos em que se pôde vêr verdadeiras profissões de fé classicistas. Destaco, para exemplificar, esta frase altamente expressiva: “La más alta poesía es aquélla que más contempla al hombre, abstracto, y mucho más que al accidente que somos, al arquetipo que quisiéramos ser”. Estas palavras traduzem ecelentemente o anti-moderno que ha no sr. Alfonso Reyes. Não se veja nenhum paradoxo, pelo fato de se tratar de um colaborador das melhores revistas de vanguarda da Europa e da América, amigo dos grupos ditos esquerdistas de lá e de cá, que todos o admiram. A poesia contemporânea pode sêr dividida em duas grandes famílias que vão se entroncar uma em Rimbaud, outra em Mallarmé. E’ filiado a esta segunda, que eu viejo, em companhia de Paul Valéry, de Stefan Georg, de Rainer Maria Rilke, de Eugenio d’Ors, de Juan Ramón Jimenez, o sr. Alfonso Reyes, que ao mesmo tempo tira do aprofundamento das idéas, de uma sólida e vasta cultura clássica, uma curiosidade e uma simpatia universais e o segredo de uma mocidade que será sempre indestrutível, como é o caso de nosso João Ribeiro. Mas o humanismo e o classicismo do sr. Alfonso Reyes apresentam-se-nos como admirável realização das suas palavras acima transcritas: “un enorme yacimiento de materia prima autóctona disuelto em las aguas latinas”.

“El testimonio de Juan Peña” é a narrativa de uma aventura

da mocidade. O poeta, então estudante de direito, foi convidado a resolver uma questão de terras que ocultava uma velha luta partidária entre duas autoridades da vila de Topilejo. Pouco afeito às aplicações do direito, o poeta aceita a incumbência, pela novidade e mesmo pelos riscos da aventura. Serve-lhe isso de pretexto à evocação do “pueblo” onde pela primeira vez se encontrou com a realidade social do interior mexicano, tão diferente do panorama abstrato que as leis e as teorias dos professores tentavam inculcar no espírito dos estudantes:

“A dos pasos de nuestra frivolidad ciudadana, el campo nos estaba esperando, lleno de dolores y anhelos. Los indios descalzos nos miraban confiadamente, sin hacer caso de nuestros pocos años, seguros de convertirnos en hombres al sólo contacto de su pureza”.

O poeta aproveita ainda esse pequeno episódio — pequeno em si mesmo; o fato de ter sido vivido por um poeta é que lhe confere toda a sua importância dramática — para esboçar o estado de espírito da sua geração, que criou o México de hoje e que antecedeu de alguns ânos o aparecimento da sua correspondente no Brasil.

“Los muchachos de mi generación éramos — digamos — desdenosos. No creíamos en la mayoría de las cosas en que creían nuestros mayores.” “...comenzábamos a sospechar que se nos había educado en una impostura.” “El positivismo mecánico de las enseñanzas escolares se había convertido en rutina pedagógica, y perdía crédito a nuestros ojos. Nuevos aires nos llegaban de Europa. Sabíamos que la matemática vacilaba, y que la física ya no se guardaba muy bien de la metafísica.” “Poníamos en duda la ciencia de los maestros demasiado brillantes y oratorios que habían educado a la inmediata generación anterior.” “Sabíamos... que los tutores de nuestra política... acaso temían que la absorción repentina de nuestro pasado... nos arrojara de golpe al camino a que pronto habíamos de llegar: el de la vida a sobresaltos, el de las conquistas por la improvisación y hasta la violencia, el de la discontinuidad en suma, — única manera de vida que nos reservaba